

O último grito do silêncio

PETER MICHELMORE

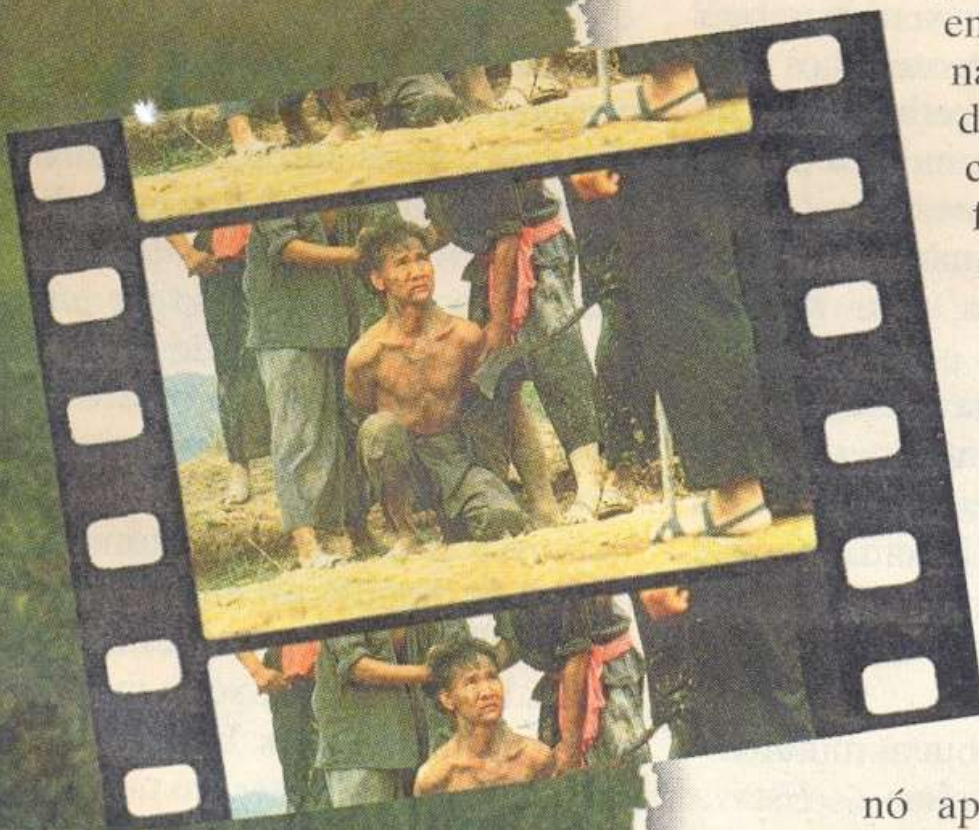
Nem mesmo a morte pôde silenciar sua dor



NA CAPELA do cemitério de Los Angeles, Dith Pran fitava silenciosamente o rosto do falecido. Sentia-se inconsolável pela morte do amigo – Haing Ngor tinha sido assassinado a tiros, na porta de casa. Durante os dolorosos anos passados nos campos do Camboja, os dois haviam estado face a face com o inimigo inúmeras vezes, porém sempre escapavam.

Durante o velório naquela sexta-feira, dia 8 de março de 1996, Dith observou que uma TV ali instalada exibia imagens do filme *Gritos do silêncio*, premiado com o Oscar em 1984. Em uma das cenas, via-se um homem descalço e esfarrapado, capinando, sob chuva forte, num campo de arroz do Camboja. Sua expressão era de sofrimento atroz. O ator era Haing Ngor, no papel de Dith Pran. Irmanados pela trágica história de sua pátria, os dois homens eram, no íntimo, uma só pessoa.

Dith sentiu um nó apertar-lhe a garganta. Os dois amigos sonharam em compartilhar um grande momento – a



Sobreviventes do terror do Khmer Vermelho, Ngor (à esquerda) e Pran voltaram ao Camboja e às dolorosas memórias. No detalhe, Ngor representando Dith no filme.

chegada do dia do acerto de contas com os carrascos do Camboja. Mesmo sozinho, levaria a missão até o fim. Tinha de cumpri-la pelo amigo, por si próprio, pelos parentes, e pelos amigos que haviam sucumbido. Ele o faria em nome do Camboja.

No dia em que o destino mudaria o rumo de suas vidas, Dith Pran e Haing Ngor* não haviam ainda se conhecido. Ambos se encontravam na cidade de Phnom Penh, capital do Camboja, no momento em que hordas de guerrilheiros comunistas do Khmer Vermelho dominaram as tropas americanas, amparadas pelo presidente Lon Nol. Uma sombra de terror cobriu a capital. Tropas guerrilheiras juvenis capturaram toda a população resistente – “os traidores da revolução” –, retirando-os de suas moradias e conduzindo-os em direção ao campo. À frente da revolução estava um maoísta chamado Pol Pot.

Naquele dia, ainda pela manhã, Haing Ngor, cirurgião e obstetra, então com 34 anos, realizava uma operação no hospital militar. Inesperadamente, a sala foi invadida por dois guerrilheiros. O mais jovem apontou um rifle contra a cabeça de Ngor.

– O médico é você? – indagou ele, em tom ríspido.

– Não. Ele saiu há poucos minutos – Ngor explicou, com calma. – Estava aqui agora mesmo.

– Mentira! – gritou o rapaz. – Se eu não puder encontrar o médico, voltarei aqui e o matarei!

Tão logo os homens saíram, Ngor e seus companheiros fugiram dali.

NAQUELE MESMO INSTANTE, num outro hospital, Dith Pran, 32 anos de idade, trabalhava como assistente de Sydney Schanberg, correspondente do *New York Times* no Camboja. Schanberg, Dith e dois jornalistas ocidentais tentaram fugir num automóvel, porém foram interceptados:

– Americanos! Peguem-nos!

Os guerrilheiros apontaram-lhes as armas e os mantiveram sob a mira.

– São jornalistas franceses! – gritou Dith. Estão aqui para registrar a vitória dos comunistas!

Durante mais de uma hora, após exaustiva insistência, Dith conseguiu persuadir os guerrilheiros a liberarem a equipe. Mais tarde, os quatro homens encontraram abrigo na embaixada francesa, o único santuário para ocidentais aprisionados na cidade. Dith tinha a esperança de ser enviado para fora do país com os outros. Contudo, o Khmer Vermelho forçou a saída de todos os cambojanos do recinto.

No dia 20 de abril, Dith tomou o caminho de Siem Reap, sua aldeia natal. Dois milhões de pessoas estavam viajando. Dith sabia que seria morto caso sua conexão com os Estados Unidos fosse revelada. Conseguiu passar pelas barreiras do Khmer Vermelho, alegando ser motorista de táxi. “Sou da classe baixa”, dizia.

Seu único consolo era saber que os filhos e a esposa, Ser Mocun, haviam sido encaminhados para o exterior com os funcionários da embaixada americana.

* Nota do autor: Dith emprega o sobrenome em primeiro lugar, como indica o costume oriental. Haing Ngor segue a maneira ocidental e atende pelo primeiro nome.

Haing Ngor partiu em busca da noiva, Chang My Huoy. Só viria a encontrá-la no fim daquele mês. Os dois tinham sido escalados para trabalhar numa pedreira localizada nos arredores de Samrong Yong, vilarejo onde Ngor nascera. Logo estariam juntos numa plantação de arroz. Sempre que era questionado quanto à sua profissão, Ngor respondia o mesmo que Dith: “Motorista de táxi.”

Além de capinar, de sol a sol, nos campos de arroz, Ngor e Huoy construía sistemas de irrigação e trabalhavam na manutenção de estradas. Sua cota diária de comida consistia em duas tigelas de papa de arroz. Às vezes, comiam lagartos, camundongos e saúvas. Certa vez, enfraquecido por uma disenteria, Ngor chegou a pesar 40 quilos. Disse a Huoy que sentia a chegada da morte. “Se você morrer, morrerei também!”, exclamou ela.

Foi então que, de maneira inesperada, o Khmer Vermelho realizou uma distribuição de inhame – uma raiz para cada família. Após cozinhar o precioso alimento, de consistência viscosa, Huoy deu-o até a última colherada ao companheiro. Ngor pôde, assim, recuperar as forças.

NUM OUTRO acampamento, Dith trabalhava como cozinheiro para um grupo de ferreiros. Diante de seus olhos, carros eram derretidos para serem transformados em míseros baldes. A filosofia do *Angka* – palavra usada pelo Khmer Vermelho para designar a liderança do Partido Comunista do Camboja – era trazer o país de volta a um estágio primitivo. As cidades foram

esvaziadas. Todos os hospitais e escolas foram fechados. Não havia comércio nem dinheiro. “O *Angka* está nos trazendo de volta ao ano zero”, anunciou o líder do acampamento.

Certa vez, durante a noite, o desespero da fome levou Dith a entrar furtivamente num campo de arroz. Enquanto enchia os bolsos, ouviu um berro que quase o derrubou:

– Ladrão!

Seis soldados, três dos quais ainda adolescentes, puseram-se a atingir Dith a golpes de machetes.

– Quem rouba do *Angka* tem de morrer! – bradou um deles.

Ao fim de uma noite inteira, ajoelhado e amarrado, Dith foi obrigado a jurar que jamais ofenderia o *Angka* outra vez. Enquanto assumia a promessa, fez uma silenciosa prece a Buda: *Se me permitires sobreviver, revelarei ao mundo as atrocidades cometidas pelo Khmer Vermelho.*

NO ACAMPAMENTO, Haing Ngor foi delatado por dois garotos que o pegaram enquanto escondia a araruta que havia trazido da selva. Um sentinela amarrou-o a uma mangueira, enquanto outro lhe exigiu que revelasse sua profissão.

– Motorista de táxi – respondeu.

– Você está mentindo! – gritou o homem.

Em seguida, pegou uma machadinha e cortou parte do dedo mínimo de Ngor. Estava ainda amarrado à árvore quando trouxeram para diante de si uma mulher grávida. Um dos homens deliberadamente rasgou-lhe o ventre e desentranhou-lhe o feto.

Emudecido de terror, Ngor foi libertado horas depois. Contudo, seu martírio não havia ainda terminado. Um conhecido seu revelara ao Khmer Vermelho sua qualificação como médico. Ngor negou com veemência. Não obstante, os homens puseram-no pendurado sob um cadafalso. A alguns palmos abaixo de seus pés, atearam fogo a uma pilha de cascas de arroz e madeira. Com as pernas cobertas de bolhas, exposto às chamas e à fumaça, Ngor ali permaneceu durante quatro dias, sem água.

A essa altura, Ngor teria ansiado pela morte. Porém, caso não estivesse mais vivo para negar sua profissão, Huoy seria morta por omitir tal informação. Por fim, os soldados o desamarraram.

No ano de 1977, grávida de sete meses, Huoy entrou em trabalho de parto. Ngor logo percebeu a necessidade de uma cesariana. Contudo, não dispunha de instrumentos nem remédios. Até que, aconchegada em seus braços, Huoy deu sinais de que a vida lhe escapava. O pulso tornara-se quase imperceptível, e Ngor pôde ouvir um último sussurro de sua amada: “Cuide-se, meu amor.”

Pouco depois da morte de Huoy, a esposa de um oficial vasculhou a cabana de Ngor e roubou-lhe um antigo documento de identidade, ao qual estava anexada uma fotografia da falecida. Arriscando a própria vida, Ngor procurou uma autoridade local e suplicou-lhe que devolvessem seu único tesouro pessoal. Após ter encontrado o documento, o homem arrancou a foto e a devolveu a Ngor.

NA MESMA LUTA pela sobrevivência, Dith Pran havia se tornado empregado do líder de certa aldeia. O homem dispunha de raro pertence: um rádio. Certa vez, conseguindo captar uma transmissão do programa *Voz da América*, Dith tomou conhecimento de que as tropas de Hanói atacariam o setor leste do Camboja, como represália às invasões do Khmer Vermelho no Vietnã.

Após intenso ataque em dezembro de 1978, tanques avançaram sobre a área de Phnom Penh. Pol Pot e seus auxiliares fugiram para a Tailândia. No rastro da guerra, Dith rumou para o leste, em direção à sua aldeia natal, Siem Reap. Encontrou ainda vivas a mãe, muito debilitada, e uma irmã. O pai morrera de inanição em 1975. Os outros três irmãos de Dith haviam sido fuzilados a mando do Khmer Vermelho. A outra irmã fora executada com o marido e dois filhos.

Ao indagar sobre os corpos, uma mulher lhe disse:

– Venha, vou lhe mostrar os campos da morte.

Avançando sobre um terreno coberto de arbustos, numa área afastada da aldeia, Dith sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Chegaram a um vasto terreno. Por toda a extensão viam-se pontas de ossos e crânios sob uma fina camada de terra. *Estarão os meus irmãos enterrados aqui?*, Dith indagou-se, estarrecido. *Minha irmã?*

Os exércitos do Vietnã chegaram à região de Haing Ngor em março de 1979. Ngor partiu rumo à Tailândia, arrastando-se por entre trilhas e campos minados na selva. Em maio, obte-

ve êxito em alcançar um acampamento tailandês de refugiados. Para trás de si, espalhados pelos campos da morte, deixaria para sempre os ossos de seus pais, três irmãos e três irmãs. De um total de 7,9 milhões de cambojanos em 1975, cerca de 1,7 milhão foi exterminado sob o domínio de Pol Pot.

Enquanto descansava junto ao leito de um rio nos arredores do acampamento, Ngor disse a si mesmo: *Um dia direi ao mundo tudo o que se passou.*

DITH PRAN TAMBÉM enfrentaria a penosa passagem pelos campos minados até a Tailândia. Em Nova York, Sydney Schanberg partiu no primeiro vôo para Bangkok, logo após receber a notícia de que o amigo estava a salvo. Depois de relatar os horrores da guerra vividos no pesadelo do Khmer Vermelho, Dith fitou o amigo com expressão sóbria e disse: “Você tem de escrever sobre isso, Sydney.”

Em janeiro de 1980, Schanberg preparou um artigo para a revista do *New York Times*, relatando a comovente história das experiências vivenciadas por Dith. A matéria ganhou o sugestivo título de “A vida e a morte de Dith Pran”.

De volta ao lar, Dith mudou-se com toda a família para o Brooklyn e tornou-se fotógrafo do *Times*. Em pouco tempo, começaria a reivindicar publicamente a convocação de uma corte internacional e o julgamento dos líderes do Khmer Vermelho. “Como sobrevivente do massacre”, falou Dith, dirigindo-se a um grupo de estudantes e professores de Little Rock, Arkansas, “é meu dever manifestar-me.”

Após inúmeras tentativas, Ngor, por fim, conseguiu embarcar para os Estados Unidos, em agosto de 1980. Trazia no pescoço uma medalha de ouro. No interior da jóia via-se o rosto de Huoy, impresso sob delicado coração de porcelana, trabalho feito a par-



Dith Pran (esquerda) e Haing Ngor celebram a vitória com o Oscar

tir da foto da carteira de identidade. Uma vez instalado em Los Angeles, Ngor foi nomeado assessor para o Chinatown Service Center, sendo encarregado de arrumar emprego para os refugiados.

Foi então que, no início do ano de 1982, surgiram comentários sobre a montagem de uma produção cinema-

tográfica hollywoodiana, tendo como tema o sinistro reinado do Khmer Vermelho. Os amigos de Ngor insistiram em que ele se apresentasse junto à equipe. “Eu sou médico”, ele disse, “não ator.”

Todavia, por um capricho do destino, a diretora de elenco do filme havia comparecido a um casamento cambojano para o qual Ngor também fora convidado. Durante a recepção, a mulher havia tirado uma foto sua. Algum tempo depois, Ngor começou a considerar a idéia de participar do filme.

Em reunião com os americanos, Ngor ficou surpreso com a escassa informação que tinham sobre a tragédia no Camboja. *Um filme baseado em fatos*, imaginou ele, *fará com que todos tomem conhecimento.*

Após submeter-se a um teste, Ngor assinou um contrato de 1.000 dólares por semana. O filme, *Gritos do silêncio*, seria uma adaptação do artigo de Schanberg. Ngor ficou extasiado ao ler o roteiro pela primeira vez. “*Eu sou Dith Pran!*”, pensou. O diretor Roland Joffé teve a mesma sensação. Ngor foi escalado a contracenar com Sam Waterston, que interpretou Schanberg.

Quase dois anos se passaram até que a montagem do filme estivesse concluída. Durante todo o tempo, Ngor dedicou-se ao trabalho intensamente. Estava convencido de que o destino lhe designara a tarefa de denunciar a crueldade do Khmer Vermelho.

Na estréia do filme em Nova York, Ngor foi chamado a conhecer Dith Pran. Ao ver Dith diante de si, Ngor

deu um grito de alegria e juntou as palmas das mãos no tradicional costume cambojano. Com olhar cintilante, os dois homens se abraçaram.

– Eu sou você, e você sou eu – disse Ngor.

Mais tarde, Dith agradeceu a Ngor:

– Obrigado. Você fez minha missão ganhar voz. Agora todos poderão ouvi-la.

– É a *nossa* missão – Ngor acrescentou.

Em março de 1985 Ngor foi premiado pela Academia como melhor ator coadjuvante daquele ano. Durante a cerimônia, percebeu que poderia transmitir sua mensagem a uma plateia de milhões de espectadores. Em seu discurso, Ngor fez um agradecimento à Warner Bros. por ter-lhe dado a chance de “contar ao mundo aquilo que ocorrera em seu país”.

Quando o Vietnã, por fim, concordou em retirar suas tropas do Camboja, em setembro de 1989, Dith alertou Ngor: “Se realmente queremos rever nosso país, é melhor partirmos antes que o Khmer Vermelho retome o poder.”

Dith e Ngor estiveram várias vezes no Camboja durante os quatro anos que se seguiram. Na primavera de 1994, os esforços dos dois amigos exerceram bastante influência na decisão do Congresso americano de aprovar um ato de justiça contra os criminosos do Camboja. Tal atitude demonstrou forte preocupação do país com a impunidade do Khmer Vermelho. O governo americano concedeu verba de 500 mil dólares à Universidade de Yale para que fossem apuradas as atrocida-

dades cometidas, além de identificar os responsáveis, e levados a julgamento. Dith colaborou como assessor do Projeto Genocídio do Camboja, realizado pela Universidade. Ngor, por sua vez, permaneceu no centro de documentação do projeto, situado em Phnom Penh.

Atualmente, estão sendo examinados grandes volumes de documentos que delatam a “burocracia da morte” de Pol Pot. Além disso, Yale aceitou do governo cambojano a incumbência oficial de endossar iniciativas que possam levar às evidências, bem como os líderes do Khmer Vermelho, a um processo criminal.

Hoje, no velório de Ngor, em Los Angeles, Dith pensou na morte do amigo. Ocorrera no dia 25 de fevereiro de 1996, poucos dias após ter voltado de sua derradeira visita ao Camboja. Um homem armado assassinou-o com um tiro no peito e outro na perna, enquanto Ngor estacionava o carro ao voltar de um jantar. Ngor morreu na hora. Ao examinar seus pertences, a polícia encontrou 3 mil dólares intactos em sua carteira. Haviam levado o relógio e a medalha com a foto de Huoy.

Perguntaram a Dith se suspeitava

de alguma conexão com o Khmer Vermelho. “Não sinto nenhum calafrio que indique essa possibilidade”, respondeu. Sua intuição estava certa. Pouco tempo depois, o crime seria atribuído a três adolescentes de uma gangue de origem asiática.

Durante o enterro, Dith discursou acerca de sua gratidão a Ngor por tê-lo ajudado a divulgar ao mundo a tragédia do Camboja. Com a voz embargada pela dor, Dith acrescentou: “Ele era meu irmão. Para sempre sentirei sua falta.”

Situadas em esconderijos na selva, as forças do Khmer Vermelho continuam a aterrorizar as províncias da região nordeste do Camboja. Pol Pot tem hoje 69 anos e reside junto à fronteira da Tailândia com o território cambojano. Continua a planejar a retomada do poder. A Yale University Press publicou este ano o livro “Children of Cambodia’s Killing Fields: Memoirs by Survivors”, que reúne depoimentos compilados por Dith e editado por sua atual esposa, Kim DePaul. Ele ainda conduz o Projeto do Genocídio do Camboja e tem plena certeza de que a justiça será feita.

Anúncios clássicos

ANÚNCIO NO JORNAL *Tradewinds*, dos empregados da Motorola: “Vendem-se piranhas, peixes de água doce: \$ 4,50 cada. Doa-se Betsy, uma pata sem um pé, para um bom lar.”

NO *NEWS*, de Dublin, Ohio: “Precisa-se de trabalhador meio período para horta em feira de produtos agrícolas. Deve ter capacidade de ver os raios, escutar os trovões e saber chegar ao local de trabalho. Considera-se uma vantagem a aptidão em diferenciar um pé de tomate morto de um vivo.”